



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

## JORNAL O MENTOR DA INFÂNCIA: UM VEÍCULO DE EDUCAÇÃO E MORALIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Isabel Cristina de Jesus Brandão\*  
(UESB)

### RESUMO

Esse é um estudo de uma das fontes coletadas na pesquisa que venho desenvolvendo sobre a história da educação Infantil na Bahia durante o Império. Além dos documentos escolares e legislativos, tenho buscado na coleta dos dados analisar os jornais da época dentro os quais destaco: O Mentor da Infância. O conteúdo abordado no jornal O Mentor da Infância evidencia aspectos da educação desenvolvida para as crianças no período, pelo menos para uma determinada camada da população, nesse caso, da elite, uma vez que algumas pesquisas indicam que a criança da população menos favorecida encontrava-se, em sua maioria, trabalhando em oficinas ou abandonadas em asilos de assistência ao menor e casas dos expostos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Fontes Primárias. Infância.

Esse é um estudo de uma das fontes coletadas na pesquisa que venho desenvolvendo sobre a história da Educação Infantil na Bahia, durante o Império.

O interesse pelo tema resultou de experiências que vivenciei durante a pós-graduação *Stricto Sensu* em educação quando realizei pesquisa sobre Políticas Públicas em Educação Infantil. Durante o trabalho de revisão da literatura sobre educação infantil, me chamou a atenção o fato de a história sobre o tema no Brasil ter como referência os registros feitos nas instituições dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, especialmente

---

\* Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação de Educação da UNICAMP - Grupo de Pesquisa HISTEDBR. Agência Financiadora PQI-UESB. E-mail: icjbrandao@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

a partir do século XX (CAMPOS, 1995; KUHLMANN Jr, 1998; KRAMER, 1984). Os registros sobre a educação da criança na Bahia referem-se basicamente ao período colonial, especificadamente à educação jesuítica e ao processo de catequização dos nativos.

Del Priore destaca que:

Do período colonial à República dos anos 30 assistimos ao desenrolar e ao desdobramento desses assuntos complementares, anotando que se a criança é o grande ausente da História, ela é, por um paradoxo, o seu motor. Ela é o adulto em gestação. Apenas estudando a infância e compreendendo as distorções a que esteve submetida, teremos condições de transformar o futuro das crianças brasileiras. E de nos transformar através delas. (DEL PRIORE, 1991: 9).

Acredito ser importante questionar como se tem constituído a história da educação infantil no estado da Bahia, e quais são os estudos realizados sobre o tema.

Nesse sentido, considero que pesquisar sobre a história da educação infantil na Bahia, ou seja, retroceder ao período imperial, é de fundamental importância para uma maior compreensão da mesma, pois, segundo Del Priore (2000, p. 8) “[...] o saudável exercício de ‘olhar para traz’ irá ajudar a iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo melhor o porquê de certas escolhas feitas por nossa sociedade”

O Império é um período da nossa história marcado por grandes acontecimentos sociais e econômicos, como a expansão e consolidação do capitalismo, os quais determinam a forma de se olhar à criança. Segundo Leite (1999: 18), [...] A infância passa a ser “visível” quando o trabalho deixa de ser domiciliar e as famílias, ao se deslocarem e dispersarem, não conseguem mais administrar o desenvolvimento dos filhos pequenos. É então que as crianças transformam-se em “menores”, e como tal rapidamente congregam as características de abandonados e delinqüentes.



---

Quando falamos do cotidiano das crianças do século XIX observa-se que

Além de não serem ainda um foco de atenção especial, as crianças eram duplamente mudas, anãs palavras de Katia de Queirós Mattoso (Del Priore, 1992). Não eram percebidas, nem ouvidas. Nem falavam, nem delas se falava. Por isso, é preciso começar propondo quem eram as crianças? A distinção mais clara é a que se fundamenta no desempenho econômico. Tomando-se a população como um todo, uma caracterização nítida é a do período de 0 a 3 anos, em que, como ainda não andam, os pequenos são carregados pelas mães, pelos irmãos ou pelas escravas. Em alguns textos, encontra-se a expressão “desvalidos de pé”, que designava aquelas que já andavam e, portanto, podiam desempenhar pequenas tarefas. (LEITE, 1999: 19).

Mas nesse mesmo contexto marcado pelas contradições sociais que segundo Mattoso (1992: 129):

Com o extermínio progressivo dos povos indígenas, duas culturas - a branca européia e a negra africana - influenciaram a estrutura familiar brasileira. Por motivos evidentes, à primeira coube um papel preponderante, mas de forma alguma exclusivo. A convivência com escravos africanos não era uma situação totalmente nova para Portugal, onde a escravidão fora introduzida - ou reintroduzida - desde a época das primeiras conquistas coloniais. Mas, ao que parece, o número de escravos nunca ultrapassou 10% da população da Metrópole.

Na Bahia mestiça, o peso do sistema escravocrata era bem maior, marcando a sociedade local e impondo soluções novas ao modelo de família d'além-mar. No século XIX, os problemas cotidianos advinham de condições variadas é originais, que exigiam grande flexibilidade por parte das estruturas familiares. Elas se adaptaram, preservando o calor humano e protegendo as crianças. [...].



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Em uma sociedade ainda escravocrata e que buscava, por meio da educação institucional, educar/civilizar um país que precisava entrar nos moldes dos países mais desenvolvidos, especialmente os europeus, encontramos uma mídia que cumpria de forma eficiente esse papel.

Alguns documentos analisados, até o presente momento, têm indicado que a educação desse período era extremamente moralizante e disciplinadora, tendo como foco a civilização da população. Buscava-se formar um indivíduo que atendesse uma sociedade em pleno desenvolvimento de civilização, ou seja, um homem educado, de boas maneiras, que soubesse se portar em público, dominasse a oratória, um homem bem comportado segundo os moldes da burguesia européia.

É importante considerar que um dos principais focos do Império era garantir a liberdade conquistada, fato enfatizado no título 1º, Art. 1. da Constituição de 1824: “O IMPERIO do Brazil é a associação Política de todos os Cidadãos Brasileiros. Elles formam uma Nação livre, e independente, que não admite com qualquer outra laço algum de união, ou federação, que se opponha á sua Independência<sup>188</sup>”

Para isso, se fazia também necessário incluir a nação brasileira no rumo da civilização. E a educação assume um importante papel nesse processo.

Segundo Auras (2004: 139),

Se buscarmos entender mais densamente a organização econômico-social brasileira ao longo do século XIX, verificaremos que para a produção da riqueza, para o exercício do trabalho naquele tempo, a escola não era ainda, em grande medida, objetivamente necessária. Os homens e mulheres aprendiam a trabalhar trabalhando. No entanto, ao mesmo tempo e contraditoriamente, podemos perceber que, naquele contexto, as elites não podiam prescindir de todo da presença da escola, pois ela passa a ser necessária como espaço de conformação de condutas, ou seja, como lugar irradiador daquilo que se entendia como expressão de comportamento tido como civilizado. E o

---

<sup>188</sup> Grifo nosso



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

que era então entendido como comportamento civilizado? [...] ‘civilizar, então, significava, antes de mais nada, estender o raio de ação da autoridade, significava generalizar o princípio de ordem’ [...].

Educação moralizante que é evidenciada também nos meios de comunicação, a exemplo do Jornal O Mentor da Infância.

#### O Jornal Mentor da Infância

Jornal editado a partir do ano de 1846/1849, destinava-se aos meninos da época com o objetivo de educá-los nos princípios cristão e da moralidade. “A Instrução e a Virtude, são os bens, que o homem deve mais ansiosamente<sup>190</sup> procurar; porque são os únicos que morrem com elle.”<sup>191</sup> E para atingir esse objetivo o jornal destaca que “recebem-se correspondências dos meninos assignantes a fim de animá-los a desenvolverem-se, e exercitarem-se na Orthografia, e serão publicadas sob correcção do Redactor.”

É importante destacar que o jornal, já na sua 6<sup>a</sup>. Edição, contava com um total de 309 assinantes o que para o redator “indica quanto os Bahianos apreciam a educação e instrução de seus filhos [...]”. (6<sup>a</sup>. Edição)

Em relação ao conteúdo apresentado, faz-se uma abordagem de temas religiosos, gramática, boas maneiras, fábulas, contos, metodologia de estudo e história do Brasil. Geralmente, os temas abordados em uma edição seguem na próxima até serem esgotados, alguns, por sua natureza, acredito, que só devem ter esgotado juntamente com o encerramento do jornal, mesmo que não apresentado em algumas edições, por

---

<sup>189</sup> Tive acesso aos seguintes números do jornal: n.2 (7/11/1846); n.3 (10/11/1846); n.4 (11/11/1846); n.5 (18/11/1846); n.6 (21/11/1846); n.7 (25/11/1846); n.10 (09/12/1846); n.12 (23/12/1846).

<sup>190</sup> Nas transcrições dos textos da época será mantida a ortografia original por isso não entendam como erro de digitação.

<sup>191</sup> Epigrafe apresentada em todas as edições. O slogan do jornal.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

necessidade de inserir outras matérias, mas são retomados em outras como, por exemplo, o estudo da língua portuguesa.

Na 2<sup>a</sup>. edição, há uma explicação dos substantivos dando continuidade a apresentação na edição anterior conforme explicita o redator; na 3<sup>a</sup>. apresenta-se da formação dos comparativo e superlativos; já na 4<sup>a</sup>. Edição, encontramos formação do plural dos nomes. E, assim, seguem-se as edições posteriores. Podemos observar nessa seção uma “verdadeira” aula gramatical na qual o autor tem o cuidado em detalhar cada norma.

É importante destacar que os exemplos utilizados para ilustrar as regras descritas enfatizam princípios cristãos e normas de comportamento, especialmente as que reforçam o modelo de aluno estudioso e aplicado.

Nome é uma voz, com que damos a conhecer qualquer cousa, ou sua qualidade.

Esta voz com que damos a conhecer qualquer cousa, chama-se Nome, como por exemplo; Deos, Homem, Sabio, &c. – Deos é um nome com que nós chamamos Aquelle Ente, que creou o mundo – Homem é uma voz, um som com que damos a conhecer o ente racional, que, é diferente dos brutos – Sabio é uma voz, um nome que nós damos ao saber de alguma pessoa: finalmente é aquelle som por meio do qual nós conhecemos as cousas – Aquelle menino que não entender, escreva-me, que eu lhe esplicarei de outro modo afim de entender. (2<sup>a</sup>. Edição – explicação sobre o nome, sua natureza, e circunstancias)

João procede bem , mas elle não estuda.

Antonio não estudou, por isso elle não sabe a licção.

(7<sup>a</sup>. Edição – explicação sobre pronome)

Aplicai-vos aos estudos Meninos

(9<sup>a</sup>. Edição- explicação sobre verbo no modo imperativo)



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Sou perdido por ler.

(12<sup>a</sup>. Edição – explicação sobre proposição)

Além dessas frases utilizadas nos exemplos gramaticais, são editadas, freqüentemente, fábulas como da Cigarra e a Formiga, estórias como a de Joaquim: um menino que estudava com aplicação<sup>192</sup>, com o objetivo de despertar e reforçar nos leitores os comportamentos de obediência, respeito aos pais, dedicação aos estudos de forma exaustiva, mas prazerosa pela recompensa final, um estudo que tem como base a memorização (decorar) de textos e até mesmo de livros completos.

Na sexta edição, destaca-se um compendio intitulado Das obrigações de cada um dos estados da vida. A seguir cita-se o seguinte trecho da bíblia: “A vontade de Deos é esta, Que nos façais Santos. (S. Paulo Thess. 4. 3.). O tópico intitulado obrigações do filho de família ou de qualquer pessoa sujeita tem como mandamentos as seguintes normas morais:

Considerar os pais, ou patrões como representantes de Deos.

Amal-os de coração.

Respeital-os com palavras na presença e auzencia.

Obedecer-lhes com promptidao.

Servil-os com fidelidade.

Socorrêl-os nas necessidades.

Soffer com silencio as suas faltas.

Rogar a Deos por elles.

Ter grande cuidado nas posseções da casa.

---

<sup>192</sup> Estória relatada na 5<sup>a</sup>. Edição do Jornal



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Observa-se mais um exemplo de uma educação voltada para os princípios morais baseados nos ensinamentos religiosos.

### História do Brasil

Uma das matérias que desperta bastante atenção no jornal é sobre a história da Brasil. Uma história narrada cheia de “romantismo”. Vejamos algumas passagens relatadas na 3ª. Edição capítulo introdutório da História do Brasil.

A nação Portuguesa, fraca no principio, chegou pela sua grande energia, e pela sabedoria de suas leis<sup>193</sup>, ao mais elevado gráo de poder, a que era possível chegar, ficando triunphante e senhõra absoluta de um imemso império, cuja riqueza parecia convidal-a gosar os attractivos do fausto, e todos os gêneros de gloria

O Monarca, os grandes e o povo inflamados do amor dos descobrimentos, e da sede das riquezas, assignalaram por empresas atrevidos os primeiros ensaios da navegação moderna, e com prodígios de valor souberam abrir caminho para todas as partes do mundo Em poucos annos as costas occidentaes da África, até então desconhecidas, e as Índias oreintaes vieram a ser presa dos navegantes conquistadores saídos de Portugal.

[...] El Rei D. João 2º. Era a alma das grandes empresas de seus vasallos, alem dos cuidados do reino presidia a seus gloriosos trabalhos, que animava com disvello paternal. Entretanto, que assim se passava, appareceo um da quelles homens extraordinários, Christovão Colombo attraído vivamente pelo exemplo dos navegantes portugueses, concebe o projecto de abrimento para as Índias pelos mares do Occidente.

---

<sup>193</sup> Grifo nosso





ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

[..] os descobrimentos de Colombo, e do Gama tiveram influencia decidida sobre os destinos da espécie humana. A idea só das regiões immensas, de mares até então ignorados, das novas fontes de riquezas, excitou a emulação, e acendeo a cobiça Já os Portugueses tinham dado o primeiro passo para o Oriente, quando o acaso lhes deparou o domínio de um das mais vastas regiões do occidental – o Brasil – que situado á mil e quinhentas legoas da Metrópole, em seu principio despresado, devia ser um dia, segundo a ordem eterna dos acontecimentos, o refugio da monarquia portuguesa, o assento ou Sede de seo podêr , e um dos mais bellos Imperios da America.

A sensação que temos é que estamos lendo uma história de contos de fadas: com reis, príncipes, heróis, aventureiros, navios, tesouros, mistérios, surpresas só não é completa porque faltou a princesa.

Continuando esse relato histórico, podemos observar o caráter de passividade atribuída aos nativos que residiam na terra então “descoberta”, bem como a relação de cordialidade estabelecida, já no primeiro momento, entre os “hospedes inesperados” e os moradores locais. [...] Tendo a armada navegado obra de dez legas em ala, encontraram a enseada da Corôa Vermelha, aliás bahia Cabralia, onde pela tarde entraram as caravellas, que iam mais perto da praia. Affonso Lopes, indo sondar o porto, recolheo no batel dous moços indígenas, que andavam n’uma armadia, e levou-os ao almirante, que ancorara com os dos arrecifes, que estão a entrada da enreada. Ali se entretiveram grande parte da noite com os hospedes não esperados; os quaes na manhã seguinte, logo que a Capitania aferrou no porto, foram postos na praia vestidos de camisas, e com barretes; indo em sua companhia... [em branco] [...] A 2 de Maio saio a armada deste porto deixado nelle dous degradados, segundo a relação desta viagem escripta por um piloto da mesma frota, e conservada por Ramsio onde se menciona que aquelles ficaram chorando, e os homens do paiz os confortavam, mostrando-se delles compadecidos um dos degradados, que aprendeo logo o idioma dos indígenas, chamados



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Tupininquins, e sérvio de interprete aos primeiros Portuguezes que ali aportaram, tornou depois para Portugal.

Na 5<sup>a</sup>. Edição continua-se a narração da nossa história. Nessa podemos vivenciar as primeiras explorações das terras do Brasil. [...] e igualmente [em branco] que se mandou uma segunda expedição, cujo Commandante observou com cuidado as costas (praias) do Brasil, e assentou vários padrões com as armas de Portugal; que perdeu quatro caravellas e deixou em Porto Seguro uma colonia com dous Missionarios Franciscanos, voltando a Portugal com dous navios carregados de pau, que, por causa da sua côr de brasa, fói chamado páu-brasil.

No ano de 1510 noufragou um navio portuguez na entrada da Bahia de todos os Santos, escapando toda gente, porque 25 annos depois ainda viviam com os Cabocolos nove dos que naufragaram

No anno de 1515 navegou o Castelliano João Dias de Solis do lago de S. Agostinho até o Rio da Prata, que tomou delle o nome por algum tempo, tendo entrado tambem na Bahia do Rio de Janeiro, alem de outras muitas viagens que iseram ao Brasil vários navegantes, descobrindo sempre as costas deste vasto Império, que se estende desde o Rio amazonas até o Rio da Prata; de norte à sul.

Já na 6<sup>a</sup> edição encontraremos uma descrição das características geográficas do Brasil na época. Fala-se de rios, lagoas, ilhas e portos mais importantes desse continente que “quando se descobre do mar [...] parece montanhoso, agreste, e desigual; mas de perto nenhuma vista no mundo é mais agradável: os seus montes são coroados de magnicos bosques, e seus valles revestidos de perpectoa verdura (sempre com herva verde)”.

O conteúdo abordado no Jornal O Mentor da Infância evidencia aspectos da educação desenvolvida para as crianças no período, pelo menos, para uma determinada camada da população, nesse caso da elite,



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

Os pensamentos da classe dominante, são em da época, as idéias dominantes. As idéias que predominam, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante. Em consequência, a classe que dispõe dos meios da produção material, dispõe ao mesmo tempo dos meios da produção intelectual, de tal forma que lhe estão submetidos também os pensamentos daqueles que são desprovidos dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes não passam de expressão ideal das relações materiais dominantes: são essas relações materiais dominantes tomadas sob a forma de idéias. Por outras palavras, são a expressão das relações que fazem de um classe a classe dominante, ou seja as idéias da sua dominação.

Os indivíduos que forma a classe dominante possuem igualmente, entre outras coisas, uma consciência, e portanto pensam. Dado que dominam como classe e determinam uma época histórica em toda a sua amplitude, é evidente que dominam sob todos os aspectos; ou seja, dominam, entre outros, como seres pensantes, como produtores de idéias, regulando a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época. As suas idéias são portanto as idéias dominantes da sua época. (MARX E ENGELS, 1978: 24).

Algumas pesquisas<sup>194</sup> indicam que a criança da população menos favorecida encontrava-se, em sua maioria, trabalhando em oficinas ou abandonadas em asilos de assistência ao menor e casas dos expostos.

Sobre isso, Civilletti (1991: 33) destaca que na primeira infância, até os seis anos, a criança branca era geralmente entregue à ama-de-leite. O pequeno escravo sobrevivia com grande dificuldade, precisando para isso adaptar-se ao ritmo de trabalho materno. Após esse período, brancos e negros começavam a participar das atividades de seus respectivos grupos. Os primeiros, dedicando-se ao aprimoramento das funções

---

<sup>194</sup> Ver CIVILETTI (1991); DEL PRIORE (2000), LEITE (1999), MARCILIO (1999)



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

intelectuais, e os segundos iniciando-se no mundo do trabalho ou no aprendizado dos ofícios.

Uma divisão que expressa as relações sociais estabelecidas numa sociedade escravocrata, baseada na exploração da mão-de-obra da grande maioria da população e da desigual e “injusta” distribuição de renda onde, segundo Leite (1999, p.18) “criança, por definição era uma derivação das que eram criadas pelos que lhes deram origem. Eram o que se chamava ‘crias’ da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família consangüínea ou da vizinhança.” E, conseqüentemente, “o abandono de crianças e o infanticídio foram práticas encontradas entre índios, brancos e negros em determinadas circunstâncias, distantes da questão da concentração devastadora nas cidades, da perversa distribuição de bens e serviços entre camadas sociais e das fronteiras que entre elas se estabeleceram.” (ibidem)

É importante ressaltar, na utilização desta fonte histórica, a possibilidade de delimitar sobre qual infância e qual criança estamos falando. Uma criança circunscrita em seu tempo e em seu espaço, e pertencente a uma classe social determinada, ou seja, esta fonte permite um afastamento da noção de infância idealizada ou abstrata, permitindo-nos observar a criança em suas relações com a sociedade e como um ser social e historicamente determinado. Pois como bem defini Andreotti (2004: 18):

Os jornais informativos são descartáveis em um curto espaço de tempo porque substituíveis, mas como fonte de pesquisa trazem uma densidade no registro dos acontecimentos, já que valores e idéias se encontram representados em seus conteúdos e contribuem para o resgate da história. Nesse sentido, é importante questionar sobre quais critérios a abordagem dos assuntos do jornal se baseavam? Que fontes eram utilizadas? Quem eram os colaboradores do jornal já que os textos são apresentados como autoria exclusiva do redator? Como era a receptividade do mesmo por parte dos leitores? E qual a sua influência/contribuição na formação dos mesmos?



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

---

**REFERÊNCIAS**

- ANDREOTTI, Azilde Lina. A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal. A voz da infância da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950). Campinas, Unicamp, 2004.
- AURAS, Marli. Fontes e historiografia educacional brasileira: contribuição para o debate a partir da produção de conhecimento em história da educação catarinense relativa ao século XIX. In: LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). Fontes, história e historiografia da educação. Campinas, SP: autores Associados; HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palmas, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação)
- BRASIL. Constituição (1824). Constituição da República Federativa do Brasil.
- CAMPOS, Maria Malta et alli. Creches e pré-escolas no Brasil. 2. ed., São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1995.
- CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. In: Caderno de Pesquisa, São Paulo (76): 31-40, fevereiro, 1991.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). História da criança no Brasil. 2. ed, São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da história).
- \_\_\_\_\_. História das crianças no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- JORNAL O Mentor da Infância. Bahia: Typographia de E. Pedroza. Edições 2 a 7, 10 e 12 de 1846.
- KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 2. ed. Rio de Janeiro: Achamé, 1984.
- KUHLMANN JR, Moysés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). História social da infância no Brasil. 2. ed, São Paulo: Cortez, 1999.
- MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil, 1726-1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). História social da infância no Brasil. 2. ed, São Paulo: Cortez, 1999.
- MARX Kal e ENGELS Friedrich. Crítica da educação e do ensino. LISBOA, Portugal: Moraes Editores, 1978.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia, século XIX: uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.